



**RITA MARNOTO, COMISSÁRIA DO PROGRAMA  
DAS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS DE CAMÕES**

**'A 1ª EDIÇÃO D' OS LUSÍADAS  
TEVE LOGO UMA CONTRAFAÇÃO.  
SÓ UMA OBRA-PRIMA MOTIVA O FAKE'**

**Págs. 36-39**

NASCER DO  
**SOL**

EDIÇÃO N.º 876 • 9 JUNHO 2023 • 4 EUROS



**Mário Ramires**  
**OS DEUSES ESTÃO  
MESMO LOUCOS**



**José António Saraiva**  
**CONVERSAS  
PARA CAMELOS**



**Vítor Rainho**  
**O DIREITO À NÃO EXISTÊNCIA  
DOS ESCÂNDALOS DO PS**

# Cultura

**RITA MARNOTO, COMISSÁRIA DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DE CAMÕES**

## ‘CAMÕES CONTA-ME COISAS; E EU TAMBÉM LHE CONTO. É UMA FIGURA QUASE FAMILIAR’

**Teresa Carvalho**  
cultura@nascerdosol.pt

Nascida em Ílhavo, Rita Marnoto é hoje professora catedrática em Coimbra e vice-diretora do Centre International d'Études Portugaises de Genève. Em entrevista, conta-nos como os especialistas estrangeiros que estão a trabalhar na nova edição crítica da obra de Camões ficaram fascinados com os versos do poeta.

**P**rofessora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Colégio das Artes da mesma universidade, tem-se consagrado ao ensino e à investigação da literatura italiana e da literatura portuguesa. À influência de Petrarca em Portugal no século XVI dedicou um monumental estudo: **O Petrarquismo Portu-**

**guês do Renascimento e do Maneirismo.**

Em Camões tem investido muito do seu tempo e uma imensa soma de energia, sobretudo no Centre International d'Études Portugaises de Genève, de que é vice-diretora. Desse trabalho continuado e rigoroso resultaram valiosos ensaios, estudos introdutórios, volumes de comentário a Camões, confirmando a necessidade de dar atenção à letra do tex-

to camoniano. E, mais recentemente, a resolução do velho problema da edição *princeps* de **Os Lusíadas**, deveras importante para a fixação do texto do genial poema de Camões, acolhido numa edição declinada no feminino, publicada pela Universidade do Minho (2021, edição ilustrada por 10 artistas portuguesas contemporâneas). Quando, em Maio de 2021, uma resolução do Conselho de Ministros designou a figura para comissariar as comemorações dos 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões (2024-2025), o nome de Rita Marnoto, destacada camonista, foi recebido com um especial sentido de ajuste.

**Soma já muitos anos dedicados ao estudo de Camões. Quando se iniciou esta convivência?**

Nasci em Ílhavo e fiz a minha escolaridade nas pequenas aldeias ali à volta. Fiz o curso dos liceus no Liceu Nacional de Aveiro, secção feminina [sorrisos], e vem desses tempos os meus primeiros con-

BRUNO GONÇALVES



tactos com Camões – na escola, no ambiente familiar; nas lombadas respeitadas que eu via nas estantes; com tanto respeito que, francamente, naquelas lombadas douradas com encadernações de carneira não ousava tocar. E foi com muita curiosidade que depois as vim a reencontrar ao longo do meu percurso e do meu trabalho de estudiosa e que pude relacionar essa memória visual com o conteúdo desses volumes.

**E o que mais começou por admirar?** Sempre admirei em Camões a harmonia da língua, a musicalidade dos versos, as rimas, tudo isso sempre me fascinou. Quando, ao longo do meu percurso académico, optei por temas de trabalho que colocassem a literatura portuguesa no seu contexto internacional, e quando através deste percurso cheguei a Camões, o meu descobrimento foi imenso porque Camões é de facto um dos mais brilhantes poetas do seu tempo. Se pensarmos no Camões lírico, este Camões é o Camões peregrino, que corre um mundo em mudança, confrontado com o desconcerto, com a fragmentação da sua vida, das suas questões. Todos estes polos são mostrados nas suas contradições, aquilo a que se chama o dissídio, que é um tema que vem do petrarquismo e que é tratado pelos grandes poetas do renascimento. No entanto, Camões leva esse dissídio a um ponto extremo, levando a cabo uma busca da interioridade e dos conflitos humanos que faz dele um escritor extraordinariamente moderno. Na verdade, ele desmonta aquela uniformidade, aquelas certezas do universo e transporta-o para as questões que são colocadas pela dispersão, questões essas que na sua escrita inviabilizam a apresentação de uma imagem biográfica articulada, porque Camões é sempre ele próprio e o seu contrário. Mas são questões que fazem proliferar o discurso, proliferar o verso – no dizer, no falar com o outro e encontrá-lo dentro de si.

**Como se tudo inviabilizasse a montagem do puzzle biográfico, o puxar de um fio relativamente corrido, como se se tratasse, antes, de um novelo com a ponta voltada para dentro...**

É como se tivesse dentro de si aqueles para quem fala e o mundo do seu tempo, e, claro, o seu mundo interior. O mundo do tempo de Camões era um mundo em mudanças extraordinárias. O Garcia

de Orta, nos **Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia**, diz que os Portugueses descobrem num dia o que os Romanos descobriam em cem anos. E Camões esteve no epicentro destas mudanças; aliás, é um dos poucos poetas do século XVI, se calhar o único, que conheceu África, o continente atlântico, o continente índico, que conheceu vastas extensões da Ásia, que foi soldado, que conheceu mundo de facto. Teve um conhecimento amplo do que era o mundo do seu tempo. E somou esta sensibilidade interior à peregrinação pelo mundo, a uma vida em fragmentos, a contradições que nunca encontraram o seu ponto resolutivo que, no máximo, é sempre o discurso, o falar sobre elas. E levar-nos a nós, leitores de hoje, até elas.

**Para muitos Camões ainda é aquela figura de calções tufados e gola encanada que os manuais escolares ajudaram a pintar. É difícil desalojá-lo do pedestal mítico?**

A leitura de um poeta é sempre a leitura desse poeta e a ritualização das leituras precedentes. E Camões tem uma carga de precedências e de leituras imensa. A leitura de Camões é uma leitura plural,

“

**Durante a ditadura tivemos um Camões espartilhado, veiculado desde logo através das escolas, na sua ligação a uma determinada estrutura ideológica e a um imaginário fixo**

**Camões recebeu a tradição literária para fazer dela o novo**

”

de tal modo que arrasta consigo todas as leituras que vieram antes e todas as formas como foi compreendido ao longo do tempo. A divisão entre o Camões lírico, o Camões épico, o Camões do teatro, o das cartas é uma repartição por formas e por géneros. Estamos a tempo de a rever e de considerar Camões no seu todo. Tanto mais que o Camões das cartas, aquele Camões que nos fala da boémia, da vida vadia de Lisboa, é um Camões que, afinal, cita Bóscan, Petrarca, que faz citações de versos que circulavam na altura por Lisboa. E portanto é tempo também de pensarmos nesse Camões integrado, para além dessas ritualizações que vêm de trás.

**O seu conhecimento da literatura italiana, a sua perspectiva, bem como a de críticos experientes com quem trabalha, trouxeram a Camões uma dimensão verdadeiramente europeia. Tardou, não?**

Nos últimos tempos, as nossas academias têm-se aproximado mais do plano da internacionalização, e aqui volto à questão das leituras espartilhadas: durante os anos de ditadura tivemos um Camões espartilhado, veiculado desde logo através das escolas, na sua ligação a uma determinada estrutura ideológica e a um imaginário fixo. E isso não favorecia o desenvolvimento de estudos numa época como o renascimento, em que existia uma Europa de leituras, uma Europa de grandes autores. Sá de Miranda, no Minho, contava como passava os seus serões: a ler o Ariosto e outros autores de actualidade. Ora, eu creio que essa abertura a outras literaturas e a um ambiente de internacionalização permitiu fazer uma leitura mais profunda de Camões e do renascimento português. Havia modelos e esses modelos eram seguidos pelos bons escritores. E é precisamente aí que Camões leva a melhor:

**Refere-se ao modo como Camões ‘finta’ Petrarca?**

Exactamente. Camões recebeu a tradição literária para fazer dela o novo, o que é extraordinário num tempo em que se imitava. Era preciso ser de facto um grande poeta. A sua obra espelha um conhecimento assombroso dos grandes autores da Antiguidade, dos padres da igreja da Idade Média, do filão da crónica medieval, da historiografia, dos grandes autores do humanismo e do renascimento do seu tempo. Ora, à profun-

didade com que domina este vastíssimo território do saber Camões acrescenta uma agilidade e uma subtilidade que lhe permitem aproveitar todos aqueles enclaves, situar-se naquela rede e naquele complexo de saberes, indagando com precisão e com fineza os seus pontos de sutura para criar um universo poético desassossegado, que hoje nos continua a espantar. Para compreender a intensidade desta procura tão determinada temos de compreender como é que Camões se relacionou com o seu tempo para depois, então, percebermos melhor como ele se relaciona com o nosso tempo.

**Os retratos femininos que o autor apresenta dão-nos logo um sinal desse relacionamento?**

Camões cantou, como todos os poetas do seu tempo, um protótipo de mulher – a mulher petrarquista: cabelos louros, pele clara, de grande suavidade. Mas é também o primeiro poeta que eu conheço a cantar um outro tipo de mulher: a mulher negra, a Bárbara escrava, a louvar aquela pretidão de amor; uma mulher que lhe dá a felicidade que as outras mulheres que canta de acordo com o cânone petrarquista poeticamente nunca lhe ofereceram. Camões vai tão longe, ao louvar aquela mulher e todos os seus dotes, que considera que é o paradigma de Laura que deve ser mudado porque a Bárbara escrava lhe é superior:

**É de um grande arrojo.**

É uma abertura a um outro mundo, é um achado revolucionário, para a época. Esta poesia à Bárbara escrava é o momento mais feliz da sua lírica. Petrarca, perante Laura, sempre ficou dilacerado entre o amor que dedicava a uma mulher que considerava como um anjo, e que não satisfazia, e o amor a uma mulher de carne e osso que o fazia sentir em pecado. E nunca saiu desta contradição. Camões leva esta contradição ao seu extremo. Mas há um momento em que a resolve. E a forma como a resolve é encontrar outro paradigma. É dizer que há uma mulher escrava, negra, que é mais bela que Laura e lhe oferece uma felicidade espiritual e erótica.

**E se saltarmos para Os Lusíadas, mantém-se o arrojo relativamente ao feminino?**

Sim, há outros momentos em que o papel que Camões atribui >

# Cultura

> à mulher é de facto espantoso. Estou a pensar na tão famosa ilha de Vénus, n'Os Lusíadas. Aquela ilha é preparada por uma mulher; Vénus, é habitada por mulheres. Mais: é uma ilha conduzida por Vénus, de tal modo que ela vá ao encontro dos navegantes, que são homens. Portanto, Camões atribuiu a este grupo de personagens femininas um papel activo, e um papel activo perante estes navegantes que são os heróis, que passaram tão duras provações e que conseguiram chegar à ilha. Quer dizer, eles, descobridores, no final do Poema, são descobertos. E são descobertos por descobridoras: Vénus e as suas Ninfas. É de um avanço extraordinário.

**A linguagem académica, por vezes muito cerrada e fastidiosa, pode inquirar o encantamento e até o interesse por Camões? Por vezes, fica a ideia de que a moeda da comunicabilidade parece ter deixado de ter valor de circulação quando nos movemos em campo académico...**

Estamos em tempo de levar o saber científico até ao número maior de pessoas possível. A nossa sociedade precisa de saber que seja de um conhecimento alargado. Entendo que uma academia deve viver para o seu tempo, deve acompanhar as formas de comunicação do seu tempo. E compete à academia, enquanto órgão de produção de cultura, encontrar as formas de comunicação que tornem o seu saber inteligível, comunicando. E temos, aliás, órgãos de cultura e órgãos de jornalismo em Portugal que o fazem de modo excelente. A cultura é uma forma de expressão humana. E a comunicação existe no sentido dialógico. Caso contrário, ela não se verifica; e é importante conhecer Camões. Os valores do acolhimento, da abertura ao outro, são temas fundamentais para uma reflexão sobre a nossa actualidade e sobre as políticas de migração, sobre a construção e a preservação da paz.

**Por outro lado, Camões parece reclamar o que os nossos dias, que a tudo vão pedindo rapidez e legibilidade quase imediata, não lhe podem dar: tempo, disponibilidade, capacidade de espera, reflexão...**

A leitura dos textos de Camões é difícil, mas Camões é uma peça central do nosso sistema cultural. E uma sociedade precisa de ler para reencontrar o seu sentido gregário, as suas funções simbólicas, para reencontrar os valores

“

**Camões é o primeiro poeta que eu conheço a cantar um outro tipo de mulher, a mulher negra, a louvar aquela pretidão de amor**

**Na nota à 1.ª edição d'Os Lusíadas, o inquisidor escreve: 'Neste livro, há aqui umas ficções dos deuses, isto não é verdadeiro mas serve para embelezar o poema'... Parece que ficou logo fascinado**

”

que transitam entre passado e presente, para ganhar entendimento. E a leitura é uma pedra de toque desse ponto. As nossas escolas, que realizam um importante trabalho, têm uma função essencial, o Plano Nacional de Leitura também. E aí Camões continua a ser lido. Naturalmente que seria desejável que houvesse mais materiais de apoio para a leitura e o ensino de Camões.

**Ultimamente, o Plano Nacional de Leitura, que começou por obedecer a um propósito muito positivo de seleccionar alguns livros e recomendá-los às crianças e aos jovens, tem vindo a alargar bastante os furos do seu crivo, não lhe parece?**

Sim, mas lê-se. A escola é o lugar de formação da nossa sociedade e, portanto, tem também a função de incentivar a leitura. E há uma grande pluralidade: crianças e jovens em situações e contextos muito diversos, mas algo aí permane-

ce como um pêndulo que é um incentivo à leitura.

**Disse Eduardo Lourenço que são muitos os povos que se reveem nos seus grandes poetas: os italianos em Dante, os ingleses em Shakespeare, os Franceses em Molière ou os alemães em Goethe, mas «nenhum deles é Dante, Shakespeare, Molière ou Goethe como nós somos Camões ... só Camões». A que se deve esta identificação tão intensa?**

Acho que aí há uma razão de fundo: o carácter excepcional do poeta que temos. Por outro lado, reentra neste assunto o itinerário de Camões como poeta que percorre o tempo. A única obra que publica em vida foram Os Lusíadas e logo na primeira edição, em 1572, na nota da Inquisição, o inquisidor, Frei Bartolomeu Ferreira, quase que faz uma análise d'Os Lusíadas: 'neste livro, há aqui umas ficções dos deuses, isto não é verdadeiro mas serve para embelezar o

poema'... Este homem parece que ficou logo fascinado.

**Como se ficasse esquecido das suas reais funções?**

Exactamente, era um inquisidor que estava ali para julgar a correcção do livro face aos códigos do Concílio de Trento e começa a produzir aqueles comentários, sem conseguir esconder o seu encanto. E depois Camões, ao longo dos séculos, sempre recebeu leituras entusiásticas, de proximidade. E isso também nos diz da sua modernidade, que apresentou o desconcerto do seu mundo, que o interrogou. E a forma como o fez continua hoje a acompanhar a nossa inquietude, as nossas perplexidades perante a vida.

**Num livro de ensaios que dedica a Camões [Sete Ensaios Camonianos], refere-se ao risco de uma circularidade de leituras que desdobram leituras, «fazendo de Camões uma figura que,**

**entre o tudo e o nada, pode flutuar num vácuo». A que se refere?**

A espaços em falta na cultura que dizem respeito a Camões e que precisam de ser recentrados, de encontrar o seu centro. E se calhar é por isso também que todos debatemos Camões: tratamos sobre a etimologia desta ou daquela palavra mas também sobre o olho de Camões, sobre os aspectos mais díspares. Se Camões continua a ser intensamente discutido nos seus espaços cheios (às vezes, a abarrotar) mas também nos seus espaços vazios (às vezes, desérticos) é porque há uma necessidade de auto-compreensão de uma cultura que se foca sobre Camões, reconhecendo-o como pedra de toque dessa comunidade.

**Logo no século XVI, o autor d'Os Lusíadas torna-se na figura principal do cânone da literatura portuguesa, o que impressiona...**

Da edição de 1572 houve uma con-





traficação; e edições logo a seguir: 1584, 1591, 1597, com as duas traduções castelhanas, em 1580, e com traduções pelo resto da Europa. Mas não podemos esquecer também a lírica, que era tão pessoal que foi copiada em manuscrito vezes e vezes sem conta. Como se copia algo com a nossa caligrafia, com a caligrafia de cada um, porque é nosso. Na lírica de Camões há muitas variantes de texto, muitos versos que vão tendo outra configuração. Se calhar também porque cada pessoa que ia transcrevendo essa lírica a ia adaptando à sua interioridade, ia fazendo dela sua porque lhe dizia alguma coisa.

**A verdade é que essas variantes sempre foram um grande quebra-cabeças para os filólogos...**

Sim, e Camões teve de esperar muito para ter uma edição crítica dos seus textos. Foi feita uma edição, publicada pela IN-CM, cu-

jos critérios usados estão hoje superados. Neste momento, está sendo levada a cabo uma nova edição crítica da obra de Camões pelo Centro Interuniversitário da Universidade de Geneve, onde trabalham reputadíssimos filólogos e especialistas de crítica textual suíços e italianos. Ficaram fascinados com os versos de Camões, e sentiram-se espicaçados pelos problemas tão arrefeados que se colocam. Já temos publicados os volumes do *Filodemo*, das *Redondilhas*, dos *Sonetos*, das *Canções*, da edição *princeps* d'*Os Lusíadas*, segundo os critérios actuais da crítica textual cujo objectivo é recuperar e repor a versão de um texto mais próxima da vontade do seu autor.

**O seu trabalho e empenho apaixonado permitiram-lhe pôr um ponto final no problema da edição princeps d'*Os Lusíadas*, que é uma questão espinhosa e secular. Creio que se conhe-**

**cem hoje cerca de 50 exemplares da epopeia de Camões. São muitas as diferenças?**

São numerosas, tão numerosas como desconcertantes. A mais carismática será a do pelicano do frontispício, que em alguns deles está voltado para a esquerda, noutros para a direita. Também há muitas diferenças textuais, da primeira à última página. O sétimo verso da estância inicial ora começa «E entre gente», ora começa «Entre gente». Algumas dessas diferenças são deliciosas, como a do deus Mercúrio, o mensageiro dos deuses, que ora é filho da deusa pagã Maia, ora é «o filho de Maria», como Jesus Cristo. Essas incongruências foram pela primeira vez assinaladas em 1639 por Manuel de Faria e Sousa, no seu monumental comentário a *Os Lusíadas*. Ao longo do tempo, as opiniões multiplicaram-se: quem achou que as edições foram duas, no mínimo três, talvez quatro ou ainda mais, ou uma só, com sucessivas correções introduzidas nas mesmas fôrmas de tipografia.

**O erro pode revelar-se muito iluminador...**

De facto, há quatro páginas que têm um mesmo erro em todos os exemplares. Sobrepuas essas páginas, com o auxílio de meios digitais, e daí resultou, em termos objetivos, que a mancha da página é totalmente diferente. Isso quer dizer que foram impressas por fôrmas tipográficas distintas. Na correção de provas não era possível modificar o lugar do cabeçalho, do pé de página, etc. Só se podia substituir um tipo móvel por outro. Existem portanto dois conjuntos de impressos totalmente diferentes. Num deles, usam-se três ligaduras, que são peças de tipo que juntam duas letras: 'as', 'sp', 'us'. Na outra, nunca foram usadas. Mais do que isso, o papel de certas folhas foi fabricado muito depois de 1572, em 1580 e até em 1581. Portanto, não podia ter servido para uma edição de 1572... Não restam dúvidas de que foram elaboradas duas edições de *Os Lusíadas* independentes e com a mesma data. Uma delas imita a verdadeira e foi feita à revelia, ou com o objetivo de obter lucros, ou para escapar à censura, ou por qualquer outro motivo. Depois, ao longo do tempo, as folhas de uma e de outra das edições foram-se misturando, a fim

de completar exemplares. E ainda há exemplares que têm reproduções de folhas de uma ou de outra das duas edições, propositalmente impressas, o que mais baralhou a situação.

**Desistir da 'cousa começada' sempre esteve fora de questão?**

Sim, claro. Foi um trabalho de detetive que durou anos, de veras entusiasmante. Observei 39 exemplares de 1572, e distingui a verdadeira primeira edição da *fake*. A comprovar qual delas foi a primeira, foram as capitulares, as letras impressas com peças de madeira, muito sensíveis ao desgaste. Dez das peças utilizadas são as mesmas nas duas edições, e na edição com o pelicano para a direita estão visivelmente mais deterioradas. Por consequência, a primeira edição é a que tem o pelicano para a esquerda e o sétimo verso «E entre». Só uma obra-prima mo-

“

**Da edição de 1572 d'*Os Lusíadas* houve logo uma contrafação**

**Foi um trabalho de detetive que durou anos. Observei 39 exemplares de 1572, e distingui a verdadeira 1.ª edição da fake**

**Não esperava o convite [para comissariar as comemorações]. Tinha chegado a casa num fim de dia e recebi um telefonema do Governo**

”

tiva o *fake*, o que é menos bom não se imita.

**Como recebeu o convite para comissariar as comemorações do V centenário do nascimento de Camões? Esperava-o, de algum modo?**

Não, não esperava. Tinha chegado a casa num fim de dia e recebi um telefonema do Governo. Camões para mim é uma figura quase familiar, do meu convívio próximo, conta-me coisas e eu também lhe conto a ele... Disse de imediato que sim, muito naturalmente.

**É um justo prémio, depois de tantos anos dedicados a Camões? Ou tem sobre os prémios a mesma ideia do autor da nossa obra máxima: é melhor merecê-los sem os ter do que possuí-los sem os merecer?**

Vejo-o como uma oportunidade cultural, uma possibilidade de organizar cultura, de aproximar Camões dos Portugueses. Mostrar como a diferença entre tempos carrega possibilidades de alargamento, de actualização, de enriquecimento cultural cívico. As Comemorações do V Centenário de Camões proporcionam a celebração do poeta através de um programa cultural projetado sobre o futuro e concebido em função de uma visão ampla e integradora. Essa poderá ser uma forma de trazer para o presente os valores de um escritor de rara e excepcional grandeza, internacionalmente reconhecido, o que faz dele um clássico universal. As possibilidades oferecidas quer pelo significado da sua figura, quer pela atual conjuntura oferecem-se como ocasião ímpar no sentido de promover e dinamizar uma aproximação entre as pessoas portuguesas e o poeta da condição portuguesa. Como tal, o alto significado destas Comemorações sobreleva-se na dimensão cívica e na transversalidade inerente à intervenção cultural.

**Podemos conhecer, desde já, alguns pontos do programa das Comemorações?**

Não antes da criação de uma comissão de honra, a ser designada pelo Sr. Presidente da República, de um comissariado consultivo, designado por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas dos negócios estrangeiros e da cultura. E também da criação da estrutura temporária que organizará as Comemorações. Estou a aguardar.